

## ENTRE A TERRA E O CÉU: OS FLUIDOS E AS *FORÇAS DA VIDA NA BEIRA DO RIO*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da minha pesquisa de doutorado (Processo FAPESP nº 2016/07212-1).

IZADORA ACYPRESTE

**RESUMO** *Nas margens do São Francisco vivem alguns coletivos quilombolas que destacam a centralidade do rio em suas vidas e o consideram como um organismo vivo e com agência, pois ele anda, come e deixa a terra, criando ilhas, paisagens e fazendo movimentar pessoas, bichos, plantas e saberes. Esse “sistema circulatório” das águas produz a vida da terra e dos viventes do lugar, que também são afetados pelo governo da lua. Neste trabalho, procuro descrever as formulações quilombolas sobre a paisagem e como ela se constitui a partir da influência das águas e dos astros.*

**PALAVRAS - CHAVE** *Paisagem, força, água, astros.*

## BETWEEN EARTH AND SKY: FLUIDS AND FORCES OF LIFE ON THE RIVERBANK

**ABSTRACT** *On the banks of the São Francisco, there are some quilombola collectives that highlight the centrality of this river in their lives, being considered by them as a living organism with agency, as it “walks”, “eats” and “leaves” the land, creating islands, landscapes and making people, animals, plants and knowledges move. This “circulatory system” of the waters produces the life of the land and the living beings of the place, who are also affected by the influence of the “government” of the moon. In this work, I try to describe the quilombola knowledges about the landscape and how it is constituted from the influence of the waters and the stars.*

**KEYWORDS** *Landscape, strength, water, stars.*

Longe de ser pensado apenas como algo inerte, o rio São Francisco é compreendido pelos quilombolas que vivem em suas margens como algo vivo – por vezes, agindo como um pai, um amigo ou uma *força*<sup>2</sup> poderosa, com a qual é preciso respeito e cuidado –, pois ele *anda, come, vaza e lava* a terra, desmanchando, formando e/ou permitindo o surgimento de ilhas, *barrancos* e margens. Se as águas do rio são responsáveis pela constituição da terra e das vidas nesses *beiradões*, elas não são as únicas. Outras *forças*, vindas dos astros, também possuem uma importante atuação, tanto na terra quanto nas plantas e nos corpos das pessoas. Dito isso, neste artigo pretendo apresentar as formas com que os quilombolas ribeirinhos compreendem os fluidos e, principalmente, as *forças* que constituem o mundo *vivente da beira do rio*.

A discussão aqui apresentada é fruto da pesquisa realizada junto aos pescadores, vazanteiros e quilombolas que vivem nas comunidades de Sangradouro Grande, Croatá, Várzea da Cruz e Gameleira, localizadas na margem esquerda do São Francisco, em Januária, município da região norte do Estado de Minas Gerais. A pesquisa se constitui a partir da noção de *beira do rio* que, enquanto paisagem (INGOLD, 2000; TSING, 2019), refere-se aos lugares por onde a água *anda* ou já *andou*, isto é, as planícies inundáveis do rio. No decorrer do trabalho de campo, pude notar duas diferentes conotações para o termo: uma para se referir à barranca do rio especificamente, e outra para tratar de um lugar mais amplo, onde os habitantes desenvolvem suas atividades diárias, produzem saberes e relações, sejam as de *amizade*, parentesco ou aquelas estabelecidas com os outros *viventes*. Algumas vezes, os dois sentidos do termo se misturam, tornando árdua a tarefa de distingui-los. Portanto, é no conjunto dessas diferentes alusões à *beira do rio* que a categoria será empregada ao longo do texto.

Ao tomar a paisagem da *beira do rio* como campo etnográfico, não ignoro a importância do território (enquanto lugar ou conceito) na vida e nas lutas dos quilombolas ribeirinhos. Contudo, não é meu intuito circunscrever as relações e *convivências*

2 Ao longo do texto faço uso do itálico para indicar falas e expressões utilizadas por meus interlocutores. Essa grafia tem o intuito de destacar os usos conceituais das palavras e expressões que, apesar de estarem no português, podem expressar outros sentidos. Aspas duplas também serão utilizadas quando a ideia for reproduzir integralmente as expressões e narrativas nativas.

dos meus interlocutores a tais fronteiras territoriais. Porque, ao desenvolver a pesquisa nessas quatro comunidades, uma pergunta se fez necessária: o que as constitui um campo etnográfico? Tendo essa questão em mente, procurei observar atentamente as muitas conexões entre elas. Nesse sentido, os próprios quilombolas destacam a ampla rede de relações de *amizade* e parentesco estabelecidas entre as pessoas dessas diferentes comunidades. Esse aspecto, possivelmente, é razão suficiente para estabelecê-las como um campo etnográfico. Contudo, duas questões ainda permanecem. A primeira delas diz respeito ao fato de que essa rede de relações ultrapassa as quatro comunidades, estendendo-se para além dos limites do município de Januária e incluindo outras cidades e estados por onde os quilombolas circulam ou possuem parentes. A segunda está relacionada aos aspectos que permitem ou impulsionam os moradores a estabelecerem essas relações. Foi com base nessas questões que passei a me atentar para a expressão “*beira do rio*” como uma paisagem que permite o estabelecimento e a permanência da conexão entre pessoas e *viventes*. A *beira do rio*, portanto, vai além dos limites territoriais de cada uma das comunidades e, ao mesmo tempo, é uma categoria que diz muito sobre a noção de território acionada por meus interlocutores. Naquela paisagem, é importante dizer, a rede de conexões ultrapassa não apenas o domínio do social, que é responsável pela conexão de diferentes grupos de pessoas de lugares distintos, mas também o domínio do humano, pois conecta pessoas e outros *viventes*.

Por essa razão, meu objetivo é olhar para as conexões que extrapolam fronteiras. Nesse sentido, a noção Ingoldiana de paisagem me parece interessante, pois, para o autor, a paisagem não implica em segmentação espacial, em que uma parte poderia simplesmente ser recortada. Olhar e entender a paisagem, portanto, implica se atentar para os nexos dentro dela. Assim, nem mesmo as características de uma paisagem, como rios e cercas, poderiam ser tomadas como fronteiras. Conforme reconhece Ingold (2000), as únicas possíveis indicadoras de um limite são as

atividades das pessoas ou animais – entre outros agentes – por quem a paisagem é reconhecida e experimentada enquanto tal. Refletir com Ingold (2000) enquanto realizava a pesquisa etnográfica na *beira do rio*, apresentou-me outras possibilidades de pensar as comunidades quilombolas e o território, deslocando o olhar para a paisagem, isto é, esse conjunto de processos que acontecem ao longo do tempo e que envolvem a ação ressonante entre os diversos seres, animados e inanimados, nos seus encontros.

Considerando-se também a importância dos astros e de outras *forças* para a constituição das vidas da *beira do rio*, a paisagem também pode ser pensada em seu aspecto cósmico, em que se considere também tudo que existe e circula nos lugares entre a terra e o céu. Nesse sentido, as noções de atmosfera e de imersão discutidas por Coccia (2018) me parecem bastante úteis. Para esse autor, não estamos apenas “no mundo”, mas sim “imersos” nele, de maneira que tudo aquilo que nos rodeia nos compenetra. Essa mistura radical, chamada “atmosfera”, faz com que tudo possa coexistir em um mesmo lugar, sem que isso sacrifique formas e substâncias. “Tudo está em tudo”, declara Coccia (2018, p. 36). E se tudo está em tudo, continua o autor, é porque no mundo tudo pode circular, transmitir-se e traduzir-se. Nesse sentido, os quilombolas nos mostram o quanto a vida na *beira do rio* é produzida a partir da composição múltipla entre as *forças* das águas e do céu, que tanto impulsiona a interação *animada* entre pessoas e *viventes* quanto permite a circulação de agências e intenções que compenetram a terra, os corpos das pessoas e dos outros seres, em especial das plantas.<sup>3</sup>

## O CAMINHO DAS ÁGUAS E O GESTO DA TERRA

Sobre o São Francisco, também chamado pelos quilombolas de *Chicão*, Pierson (1972a) descreveu que, nas primeiras incursões ao rio, diversos autores o compararam equivocadamente ao

3 Embora não tenha papel de destaque neste artigo, o mundo vegetal foi um dos temas que recebeu atenção privilegiada na minha tese de doutorado (ACYPRESTE, 2021). Os *pés*, termo usado pelos quilombolas ribeirinhos para se referirem às plantas, são seres com os quais meus interlocutores compartilham lugares, movimentos, saberes, afetos e também memórias.

rio Nilo, chamando-o de “Nilo Brasileiro”, devido às suas enchentes periódicas e, também, por correr em uma região semiárida ou quase desértica, que, nesse caso, são os biomas do Cerrado e da Caatinga. É importante dizer que, nessa região do curso do rio, as águas *correm* por barrancas baixas e uma planície inundável. As barrancas, por serem baixas e bastante arenosas, cedem com facilidade, principalmente durante as enchentes anuais. Os terrenos circunjacentes são em grande parte planos e, durante os períodos de grandes cheias, são inundados com as águas do São Francisco ao longo de uma extensão de até dez quilômetros. O rio, na medida em que ganha *força* com as enchentes, também abre caminhos por novos lugares e, quando volta ao seu nível normal, deixa para trás ilhas, bancos de areia e lagoas (PIERSON, 1972a).

A partir de sua etnografia nas ilhas e margens do São Francisco na porção norte mineira do seu curso, Luz de Oliveira (2013, p. 2) percebeu que aquela é uma região marcada pela intensa movimentação da água, “pela mobilidade das famílias sobre o território e pela mobilidade do próprio território”. Com base na pesquisa em uma ilha no submédio São Francisco, o argumento de Nóbrega (2017) segue na mesma direção, posto que o povo da ilha do Massangano aprende, caminha e vive em um lugar de constante transformação, onde a força da correnteza tanto circunscreve quanto constitui o território. A autora compreende que “água e terra estão intimamente interligadas: compõem-se, arrastam-se, contêm-se” (NOBREGA, 2017, p. 119). O que ambas as autoras discutem também é notado pelos quilombolas ribeirinhos, que estabelecem seus próprios engajamentos com esses movimentos, bem como os corporificam em suas vidas cotidianas. A partir do fluxo das águas, os moradores compreendem e explicam a configuração das *áreas* em que vivem, seus solos e sua vegetação.

Como relatam meus interlocutores, essa porção do *Chicão* é composta por *terra firme*, o rio e as ilhas. Além disso, na *beira do rio* existem partes *altas* e *baixas*, sendo cada uma delas nomeadas

pelos habitantes. As ilhas, como me explicaram, são “sempre um rio de um lado e um rio de outro”, embora ocorra, quando o rio deixa de passar em um desses lados, de a ilha emendar com a *terra firme*, tornando-se tudo “uma coisa só”. Em outras palavras: os dois lados do rio são chamados de *canal*, *rio de dentro* ou *braço do rio* – para se referir ao lado mais estreito; e *rio de fora*, *rio grande* ou São Francisco – para se referir ao lado mais extenso. Mesmo quando as ilhas se unem à *terra firme*, é comum que eles continuem se referindo àquela porção de terra como ilha.

Na porção denominada *terra firme*, os moradores identificam as *áreas de beira do rio*, *barranco* ou *praia*; de *baixadas*, *baixas* ou *baixões*; de *vazante* ou *vazantão*; de *capão*; de *lagadiço*; de lagoa; de *vargem*; e de *pé da serra*, *carrasco*, *caatinga* ou *cerrado*. A *terra firme* também é cortada por diversos *sangradô*. Assim, nos períodos de grandes enchentes, o rio e as águas da chuva enchem os sangradouros e os *baixões*, inundando as *áreas da beira do rio* e as lagoas. Na medida em que o rio vai *vazando*, formam-se os *lagadiços*, também chamados de *lameiros*. Os sangradouros e os *baixões* são os canais por onde o rio escorre durante as cheias e podem permanecer com água o ano inteiro. Esses canais têm profundidade de três a dez metros e, como cortam os *terrenos* dos moradores, para atravessá-los durante a cheia, é necessária a instalação de pinguelas e, quando muito profundos, a utilização de canoas.

O fluxo das águas, ou o *caminho das águas*, é um importante aspecto para se compreender a paisagem da margem esquerda do rio e as vidas que acontecem ali. São vidas conectadas por uma extensa rede de cursos de água que inclui, além do São Francisco, seu afluente Pandeiros, algumas lagoas (como a da Picada, das Garças, entre outras) e riachos (como o dos Cochos e o Tejuco), o que constitui um *vai e vem*, ou, um *sobe e desce* de água pelas ipueiras e sangradouros.

Enquanto caminhava com um quilombola pelo *vazantão*, eu tentava entender por onde a água entrava e que direção ela tomava ao longo da margem do rio.<sup>4</sup> Em nosso diálogo, ele me

4 Neste texto, optei por preservar a identidade dos interlocutores da pesquisa.

explicou que o lugar onde estávamos é uma *vazante* que segue paralela ao *Chicão*, de maneira que as águas entram de um lado e saem novamente no São Francisco, formando uma ilha entre o rio e a *vazante*. Em seguida, ele explicou que aquele fenômeno sempre acontece, pois é o “*caminho das águas*”. Em outro momento, entre as várias oportunidades que tive de circular com os moradores pela *beira do rio*, estávamos caminhando sobre a Lagoa das Garças, que fica entre as quatro comunidades onde realizei a pesquisa de campo e, como a lagoa estava completamente seca, pudemos atravessá-la a pé. A certa altura, quando estávamos bem no meio da lagoa, finalmente pude entender a circulação de água pela margem esquerda, o *caminho das águas* tão mencionado pelos quilombolas.

Apontando para o sul, o morador de Sangradouro Grande me explicou que de lá vêm “duas águas” diferentes, uma do rio São Francisco e outra do rio Pandeiros. As duas águas, juntas, enchem a lagoa durante as enchentes. Para chegarem à lagoa, as águas do São Francisco percorrem o *Sangradô Grande* que, com sua profundidade de dez metros, percorre a comunidade de Sangradouro Grande até a Lagoa das Garças. Já as águas do rio Pandeiros, a partir de canais que conectam um complexo de riachos, lagoas e outros cursos de água, vêm “*correndo devagar*” até as Garças. Quando se juntam a diferença é nítida, uma vez que as águas do Pandeiros são límpidas e as do São Francisco são barrentas durante as cheias. Da mesma forma, apontando para o norte, meu interlocutor disse que de lá também vem as águas do riacho Ipueira, represadas e empurradas pelo São Francisco, fazendo conexão com um conjunto de lagoas até chegarem “nas Garças”.

Para me explicar sobre o funcionamento dos fluxos de água que *correm* dos sangradouros para as lagoas e depois para o rio, outro quilombola, vendo a minha aflição para tentar compreender esses fenômenos, no momento em que estávamos nos arredores da Lagoa da Picada, elaborou a seguinte explicação:

Porque sangradouros é, se nós formos ver direitinho, a terra é compartilhada com o mesmo gesto que nosso corpo, que o coração que é a impulsão do corpo, não é isso? E tem as veias, que transmitem o sangue para o coração. Então, bem assim a terra. Aqui é um sangradouro, olha. Sangradozinho. É igual as veias do nosso corpo, tem umas mais, outras menos. Você entendeu? Isso é um gesto da terra. Ela tem as opções para a água que cai aqui, que escoar e cai aqui dentro. A tendência dela é levar para o coração. O coração é quem? Aquela lagoa ali. A lagoa ali joga onde? Joga no rio, que é o grande coração (Morador de Croátá, entrevista realizada em 2018).

A sofisticação, a beleza e a delicadeza presentes na explicação desse morador me fizeram compreender que, mais do que entender de onde a água *vem* e para onde ela *vai*, o importante é todo esse “sistema circulatório” da *beira do rio* produzir a vida da terra e das pessoas. Água e terra, como narra o morador de Croátá, são elementos vivos e têm seus *gestos* próprios. Através da água, que *joga, vem, vai, desce, passa e caminha*, a terra pode *crescer, aumentar, se fortalecer* ou *diminuir*. Esses ciclos de cheias e vazantes, bem como essa dinâmica de circulação das águas *por dentro*, portanto, produzem os lugares de *convivência* dos moradores, tais como lagoas, *capões, vazantes, lagadiços e vargens*, onde também se produzem cotidianamente conhecimentos, práticas e memórias, que se atualizam nos contextos atuais de lutas por direitos territoriais.

A *terra firme*, ou o “complexo terra-firme”, como denominou Luz de Oliveira (2005), é dividida entre as *partes baixas* e as *partes altas*. Na *parte baixa*, estão as diferentes subunidades da paisagem ou as *áreas*, por onde as águas *caminham*. Dentre elas, os quilombolas identificam as *áreas* de *vazante* ou *lameiro, lagadiço, baixadas, sangradô, lagoa, capão e vargem*. Na *parte alta*, “onde a água não *anda*”, estão os lugares que eles identificam como as áreas de *retirada, pé da serra, caatinga* ou *cerrado*. Lugares para onde os moradores se movimentam a fim de se protegerem nos períodos de grandes enchentes.



Quando se referem ao *vazantão*, os quilombolas estão falando da enorme porção da *beira do rio* que tem influência direta das águas do rio e de seus tributários durante as enchentes. O *vazantão* é identificado pelos habitantes como “uma área mais baixa”, provavelmente onde, antigamente, passava o leito do rio, pois nela podem-se perceber os *veios de terra*, ou *remonte*, pequenas ondulações no solo que o rio vai formando na medida em que sobe durante as enchentes. O *remonte*, ou *remonto*, está relacionado ao fenômeno das *croas* (nome atribuído às ilhas ainda em formação), quando as enchentes fazem acumular terra no meio do rio, mas que apenas com futuras enchentes poderão se constituir como ilhas. O conjunto de camadas de terra acumulado pelas enchentes é chamado de *remonte*.

Dentro do *vazantão*, são identificadas as partes altas (o *capão*) e baixas (*vazantes*, *lagadiços* e *baixadas*). As partes baixas são caracterizadas pela “mata mais fechada”, com muitas *ramas* e *cipozeiras*, enquanto as partes altas, pela “mata mais espalhada”. Assim, ao caminharmos da *beira do rio* até o *pé da serra*, atravessamos *baixas*, *lagadiços*, *capões*, lagoas e *vargens*.

Todos esses lugares descritos pelos quilombolas pude conhecer a partir de muitas caminhadas realizadas junto a meus parceiros de pesquisa. Na maioria das vezes, caminhando “no meio do *mato*”, de repente nos deparávamos com alguns deles. Esse foi o caso do *capão*. Ao nos depararmos com ele, o morador de Croatá com quem eu caminhava me disse: “quando nós falamos de *capão*, não sei se vocês entendem, essa aqui é uma área que ela está sendo um *capão*”. Tendo já tomado notas sobre as menções dos moradores sobre o *capão*, eu logo soube do que se tratava. Também mencionado como *lombo*, o *capão* margeia as lagoas, sangradouros e rios. São os lugares onde os moradores costumam constituir seus *terrenos*, locais onde constroem suas casas, fazem seus *canteiros* de *tempero* e de *remédio*, mantêm os *bichos de criação* e abrem suas roças. O *capão* também é onde se encontram a lenha para os fogões e a madeira empregada na

construção das casas e das cercas. Durante as enchentes, as *áreas* de *capão* funcionam como uma espécie de refúgio, pois ficam ilhadas em meio ao *vazantão* inundado.

Depois do período de enchente, quando o rio começa a *vazar*, nas *áreas baixas* que estavam inundadas, inicia-se, gradualmente, a formação dos *lameiros* e *vazantes*. Conforme descreveu Pierson (1972a, p. 112), os solos das vazantes “são sílico-argilosos, de granulação muito fina”. Contudo, nenhuma descrição sobre os solos das vazantes poderia ser mais expressiva do que a me foi fornecida por um vazanteiro, quando disse que “para entender o *lameiro*, é aquela terra que ela é tão forte que, quando o rio sai, ela *racha*”.

Ainda nas partes *baixas*, a *vargem*, se comparada ao *vazantão*, é uma *área* de vegetação mais aberta, de “paus rasteiros”, “matinho rasteiro” ou “mato mais ralo”. A água que abastece essa área vem das chuvas e, antigamente, era lugar onde a água não secava. Um morador me explicou que “sempre que tem aquelas *baixadas* que juntam água, a gente chama de *vargem*”. Outro morador disse que “a *vargem* é uma *nascente*, é um lugar que *recebe* as águas que *vem dos altos*”. Assim como no *vazantão*, as *áreas de vargem* também se dividem em partes *altas* e *baixas*. Apesar de carregarem o mesmo nome, o *capão* e o *lagadiço* da *vargem* são diferentes do *capão* e do *lagadiço* do *vazantão*. No *lagadiço* da *vargem* a terra é branca e se caracteriza por ser uma terra mais arenosa e *fraca*, diferente dos *lameiros*, onde a terra “é tão forte que *racha*”. Já no *capão* das *vargens*, a “terra é de cascalho e pedregulho”.

Saindo das áreas de *baixa*, adentramos na parte *alta*, que os moradores identificam como *pé da serra*, *caatinga*, *carrasco* ou *cerrado*. Também denominadas como áreas de *retiro*, são os lugares “onde a água não *anda*” e, por isso, constituem locais de *refúgio* durante as grandes enchentes. Nos períodos de seca, também são lugares bons para “*caçar pau*” para fazer, por exemplo, cabo de enxada. O *carrasco* é caracterizado pelos moradores por

uma *vegetação miúda* (pequena e baixa). O *cerrado*, por sua vez, é caracterizado por sua terra vermelha e pela variedade de *pés* que dá nessa região.

Como pude perceber ao longo das minhas conversas com os quilombolas ribeirinhos, o solo de cada *área* tem uma *qualidade* e uma *força* diferentes. Essas características são identificadas a partir da observação dos engajamentos entre terra, água, pedras, e também da vegetação que cresce em cada um daqueles lugares. Por serem “nascidos e criados” no *vazantão* e terem “um modelo de não sair da *beira do rio*”, os moradores são portadores de saberes minuciosos sobre tais interações, os quais procurei descrever. Entretanto, as águas do rio também fazem movimentar outras coisas, tais como pessoas e relações, algo que apresentarei adiante.

## O RIO, SUA *FORÇA* E MOVIMENTO

Sentado na varanda da sua casa, um quilombola de Gameleira me contava sobre as enchentes que ocorreram na região. Segundo o morador, ele e seus parentes conseguiam acompanhar a *chegada das águas*. Na ocasião, ele comentava sobre a poeirinha que se levantava na medida em que a água da enchente ia passando pelos *caminhos* trilhados pelo gado. Devido às constantes pisadas do animal, o *caminho* ficava “sem o *mato*” e, com a subida do rio, esses *caminhos* iam soltando uma poeira fina. Assim, “de tardezinha ou de manhã cedo”, era possível avistar de longe a *chegada das águas* da enchente.

O histórico de cheias do São Francisco, como a sempre lembrada cheia de 1979, que inundou as áreas de moradia das comunidades e as *vargens*, encheu os riachos e lagoas – alcançando, inclusive, a cidade de Januária, que ficou embaixo d’água – preparou as pessoas a seguirem sempre vigilantes, atentas aos efeitos das chuvas nas águas do rio. Dentre todas as cheias com que já *conviveram*, a *cheia de 79* é um marco para os habitantes da mar-

gem do São Francisco.<sup>6</sup> “Tempos de muita água”, enfatizou um ribeirinho. Naqueles anos de cheia, disseram, era “só água, água, água, água, água!”.

As comunidades de Gameleira e Várzea da Cruz, localizadas mais distantes do *barranco* do rio, no *alto*, não correm o risco de terem suas casas inundadas caso alguma enchente muito grande venha a acontecer novamente. No entanto, a última grande cheia deixou sua marca, tanto no espaço físico quanto na memória das pessoas. Os moradores do *alto* falam da *certidão*, que é a marca por onde o rio *andou* quando encheu. Nas árvores e nas paredes das casas, é possível ver a marca da enchente.

Já para aqueles que vivem nas comunidades próximas ao *barranco* do *Chicão*, Sangradouro Grande e Croatá, acompanhar o movimento do rio é algo muito importante e faz parte de sua rotina. Certa noite, em Sangradouro Grande, enquanto “jogávamos conversa fora” e aguardávamos o sono chegar, o filho da minha anfitriã veio nos avisar que o rio estava começando a *vazar*, que já tinha *vazado* quase um metro. Como era mês de novembro, a esperança de todos é que a tendência do rio fosse *subir* com o começo do período chuvoso. A notícia deixou preocupada a moradora, que logo disse: “ô senhor, *pensei que ia encher*, ôxe, mês de dezembro vai ter muita chuva”. No dia seguinte, fomos observar o rio, que realmente tinha *vazado*. Contudo, a *previsão* dela parecia certa, pois “pra cima” estava chovendo e, logo, essa chuva chegaria por ali. Na superfície das águas do rio desciam brotos e folhas, que ela explicou serem vegetação de lagoa. Nesse caso, se o rio já estava alcançando as águas das lagoas “pra cima”, a chuva não tardaria a chegar “para nós”.

Apesar dos perigos e da necessidade de estarem sempre atentos, a enchente é vivenciada como parte da vida na *beira do rio*, sendo também acompanhada com alegria. Os moradores do alto contam que eram *animados* os períodos das grandes enchentes que ocorriam no passado, pois era época do *povo de baixo* se mudar para os *altos*. Lá, faziam suas barracas de lona ou ocupa-

6 Outras enchentes lembradas foram as que aconteceram nos anos de 1926, 1982 e 1984 que, embora tenham *andado* perto, não foram como a de 79. Algo sobre essas datas também é mencionado por Pierson (1972b), que destaca os anos de 1919, 1926, 1949 e 1960 como momentos em que cheias excepcionais ocorreram, colocando abaixo muitas casas em diversos lugares ao longo do rio. Ribeiro (2005) também descreve diversas cheias que ocorreram entre os anos de 1696 a 1943, que inundaram vilas e fazendas.

vam alguma casa velha e mandavam os animais, como o gado, porcos e cavalos, para que outros conhecidos, moradores das serras, tomassem conta. Os moradores dos *altos* ficavam todos “assanhados” com a presença do “pessoal de *baixo*” e, quando a noite caía, uns visitavam os outros, deixando a vida bem mais *animada*. Bonito e *animado* é como ele se referem a esse período.

Para o *povo de baixo*, a subida do rio implica uma grande movimentação para “tirar para fora” as famílias, *bichos de criação*, ferramentas e outros objetos pessoais. Na *cheia de 79*, um dos meus interlocutores lembra que “estava para Brasília” e, quando retornou, “estava só o lameiro” na *beira do rio*, isto é, a água já tinha baixado. Ele também contou que *conviveu* com a cheia diversas vezes e que, nessas ocasiões, “quem tinha gado tirava para fora, quem tinha cavalo tirava para fora, quem tinha porco tirava para fora”. A *retirada*, ele se *alembra*, era feita aos poucos e, em uma dessas cheias, ele e o irmão levaram alguns de seus familiares em uma primeira viagem e, quando retornaram para buscar os outros membros da família, a água já estava na altura da cintura. Mesmo com suas casas construídas nos *lombos* da comunidade, ele explicou que, em uma cheia como a *de 79*, “ficava tudo alagado”. As galinhas e os porcos eram levados dentro do barco, já o gado, dependendo da altura da enchente, era levado “tocado” ou “nadando mesmo”.

O “para fora”, de que fala o vazanteiro, são localidades no *pé da serra*, no *alto*. Em geral, iam para as casas dos parentes que viviam “para os morros” perto das *serras*. Quando o rio *corria* com os moradores de *baixo*, eles iam para os *altos* e lá arranchavam. Um morador de Gameleira se *alembra* das famílias de *baixo*, que se *arranchavam* bem perto de sua comunidade. Como ele disse, as redondezas eram lugares de “acampamento de muita gente da *beira do rio*”. Ele ressaltou que a prática de se *arranchar* é algo bem antigo.

Se por um lado as narrativas dos meus interlocutores desenhavam o São Francisco como um rio vivo, em movimento, com

agência e intencionalidade, elas também apontam que o *Chicão* não é mais o mesmo rio do passado, que vem perdendo a sua *força* e deixando de *correr* em certos lugares em decorrência da construção das barragens e da destruição das matas.<sup>7</sup> Em vários momentos, enquanto caminhávamos pelo *mato* entre as vazantes, *capões*, lagoas e ilhas, os moradores exprimiam seus sentimentos em relação a essas mudanças. Na *vazante*, um deles me explicava: “aí ó, ele *passava* dali para cá. Isso aqui tudo era rio. Ele agora não *vem* mais aqui”. Outra ora diziam: “aí foi *secando* aqui, aí depois não foi mais aqui, foi dali para lá. E foi só *chegando* para lá. Uma terrona dessa, olha onde é que está o *pé do alto* e onde está a *beira do rio*”.

Em outro momento, andando com um ribeirinho fiquei impressionada quando ele disse que estávamos caminhando sobre uma das ilhas que constituem o território de sua comunidade. Perguntei porque o lugar pelo qual andávamos era chamado de ilha, uma vez que não tivemos que atravessar um “braço de rio” para a chegar até ela. Ele então explicou que ali, antigamente, era diferente, era *beira de rio*, que havia conhecido aquilo lá como rio. Apontando para o *baixão*, disse que a água *andava* por lá e que, quando ele tinha doze anos, os vapores passavam pelo local. Também contou que, com o tempo, “o rio foi mudando, formou a ilha, a água foi acabando”, enquanto a terra “foi evoluindo, foi crescendo”.

As *terras crescentes*, como as chamam os quilombolas, estão relacionadas com o *remonto*, terras que as cheias, não *fortes* o suficiente para *levar a terra*, trazem e que se acumulam nas croas, ilhas e barrancos. Assim, a cada nova enchente *fraca*, as ilhas vão *quebrando, crescendo e aumentando*.

Como vimos, as terras *banhadas e criadas* pelo rio, são de grande importância para os quilombolas ribeirinhos, contudo é a *força* da água que garante uma *terra boa*. No passado, como eles me disseram, o rio enchia a ponto de *derramar e jogar* água em todas as *áreas baixas*. Já no momento atual, a enchente *vem*

7 Como mostrei em Acypreste (2021), essas alterações têm efeitos catastróficos para os quilombolas ribeirinhos. Como me disse uma vazanteira, as plantas *ajudam* as águas e, por isso, com o desmatamento, o rio fica *triste* e perde sua *força*.

pouca e só alcança alguns lugares. Como disse um vazanteiro: “tá com dez anos que ele não *lavou* mais esse trem aqui, esse *lagadiço*”. A ausência de grandes cheias, apesar de contribuir para um acúmulo de terra nas ilhas e *vazantes*, não é algo desejado pelos moradores da *beira do rio*, pois a maior disponibilidade de terra não significa, necessariamente, uma maior *qualidade* da terra e a fartura que ela pode propiciar. Para aqueles que cultivam na *vazante*, é necessário um equilíbrio entre terra e água.

Apesar das mudanças em relação às águas do rio, existem outras *forças* que contribuem com o solo, com as plantas que crescem nele e com os corpos das pessoas.

## A TERRA, AS PLANTAS E A LUA

É comum ouvir entre aqueles que vivem na *beira do rio* a expressão “nascidos e criados”. Ao longo da pesquisa, fui aprendendo sobre a importância dessa expressão, pois é uma forma dos quilombolas ribeirinhos enfatizarem um conjunto de aspectos que os constituem e os nutrem. Um deles se refere à *força* e à saúde, que são garantidas por meio da alimentação dos produtos das roças e pelos usos diversos dos *pés* e *paus* do mato como *remédio*. Como eles dizem, “*de primeiro o povo era criado dentro da roça*”. Todavia, antes de fornecerem *força* para as pessoas e as protegerem de diversos males que existem entre a terra e o céu, as plantas também recebem a *força* dos astros. A lua, que “governa tudo”, faz correr fluidos e *forças* nos corpos das pessoas, das plantas e dos animais, tal como a seiva das árvores, o sangue corporal e também os perigos da vida. Essa circulação de *forças* nos permite vislumbrar como os habitantes da *beira do rio* se constituem, cotidianamente, por meio de sua relação com o céu, a terra, as águas e os seres vegetais.

Não é novidade, como demonstram algumas etnografias sobre o universo rural, que seus habitantes detêm um profundo conhecimento sobre os seres com quem compartilham a vida. A

classificação das plantas, como aparece em materiais etnográficos sobre o campesinato em diversas regiões do país, demonstrados por Woortmann e Woortmann (1997), obedece a princípios de oposição que estão relacionados a elementos como o solo e a fenômenos como a temperatura. Segundo essas etnografias, há uma distinção básica das plantas, que “são classificadas em ‘quentes’, ‘frias’, ‘fracas’ e ‘fortes’” (WOORTMANN, 2009, p. 121). Como pude notar, essa mesma distinção é feita pelos quilombolas ribeirinhos em relação à *qualidade* da terra e da lua, que são identificadas como *fracas* e *fortes*.

Observei essa distinção pela primeira vez, quando caminhava com um vazanteiro. Portando um facão para cortar os galhos que atrapalhavam, eventualmente, nossa passagem, ele bateu com o objeto em uma árvore e disse que aquele *pé de pau* era ruim, era *pau oco*, pois aquela terra era *fraca*. Em *terra fraca*, segundo meu interlocutor, não nasce “planta boa”, planta que “nasce verdinha”, que cresce, “vai para frente” e “serve de *mantimento*”. Também explicou que ali era terra “mais de arroz”, de feijão de arranque, mas que, para milho, era considerada uma *terra fraca*.

Segundo os ribeirinhos, a *terra fraca* pode ser encontrada na *beira do rio* e na chapada. A diferença entre as duas é que a da *beira do rio*, “se tiver água, ela recupera”, isto é, se for um ano bom de chuva, a terra “recupera”. Já na chapada, o que se encontra é uma terra *areada* e solta, que não tem *liga*, “*fraca* mesmo”, “uma terra que sai uma vegetação no ano chuvoso e, assim que a chuva passa, a tendência é morrer tudo”. Esse tipo de *terra fraca* é como a areia de praia, que está sempre limpa porque “não tem substância para segurar a raiz” das plantas.

Quando perguntei aos quilombolas sobre as formas de identificação da *qualidade* da terra, um deles me respondeu que hoje eles “já têm uma visão” adquirida pela “*convivência* na terra”. Assim, disse ele, a *qualidade* se “decide no *planteio*”. Ele também me esclareceu que as terras que se constituem de uma areia muito fina ou muito grossa não são boas para plantação, ainda que, na



comparação entre as duas, a areia fina seja considerada melhor. Quanto mais grossa a areia, mais *fraca* é a terra. Para esse vazanteiro, “a *fortaleza* da terra é justamente ela ter uma *liga*, porque ela molha, aí ela vai ter resistência na raiz da árvore, e ela quando é muito grossa ela não tem *liga* nenhuma”. Para saber onde e o que plantar, explicou ele, “é o *causo* do conhecimento”, pois existe uma variedade de plantas que nascem e crescem na *terra fraca*, como feijão catador, amendoim e melancia. Além dessas, outra variedade que pode ser plantada na *terra fraca* é a mandioca que “sofre muito” neste tipo de solo, mas resiste.

Por outro lado, na *terra forte*, onde preferem abrir suas roças, as plantas “evoluem” e têm mais *durabilidade*. Apontando para o *alto*, um morador disse que as *roças fortes* eram lá, onde a terra é vermelha e dava mamona, algodão, feijão de corda e fava. Isso tudo porque “a terra ajuda”. Nas áreas de *vargem* onde mora, ao contrário, para a roça *dar* “tem que ser um ano muito bom de chuva e o dono tratar muito bem”, pois ali as terras são *fracas*.

Considerando que “cada planta tem seu gosto”, a identificação da *qualidade* da terra é muito importante tanto para o cultivo das roças quanto para a observação do comportamento dos *pés* da mata. Enquanto algumas plantas *gostam* da areia fina, outras *gostam* do cascalho e outras de água. As *terras fracas* e *fortes*, a despeito de sua importância para o modo de classificação dos solos, também estão condicionadas as características das *áreas* da *beira do rio* – *vazantes*, *vargens*, *capões* e *altos*. Tal como vimos na primeira parte deste artigo, que trata da formação das *áreas*, a *qualidade* da terra faz parte desse conjunto de conhecimentos que permitem aos quilombolas ribeirinhos identificarem onde cada variedade de *pé* costuma nascer e onde devem *pôr* suas roças.

Quando passei a entender a relação entre a *qualidade* da terra, a formação das *áreas* e os locais onde *pés* nascem, busquei identificar junto aos moradores quais variedades costumavam nascer nas *vazantes*, nos *capões*, nas *vargens* e no cerrado. Esse le-

vantamento me permitiu entender sobre as preferências de alguns *pés*, mas também me levou a compreender como esses *pés* têm se movido pela *beira do rio*. Para começar, a maioria dos *pés* que nasce no *capão* também brota nas *vazantes*. Eles só não germinam na *vargem*, pois é lugar onde “quase não nasce nada”, o que nasce “é coisinha pouca, de reboleira, *mato* mesmo”. O que mais influencia o fato de um determinado *pé* nascer ou não na *vazante* é o seu *gosto* pela água, uma vez que as *vazantes* estão sujeitas a inundação e muitas árvores não resistem à fundura da água. A ingazeira (*Inga edulis*), por exemplo, morre na “enchente mais elevada”. Já a canafista (*Peltophorum dubium*) é resistente à água, mas somente se “ela não *banhar*”, pois “se ela *banhar*, ela não aguenta”. Atualmente, contudo, devido à falta de enchentes e de chuvas, essas árvores que não resistem à fundura da água ou que não gostam de *banhar* têm se movimentado e crescido nas *vazantes* que, no passado, eram *áreas* frequentemente *banhadas* pelas águas. Esses movimentos provocam mudanças na paisagem, considerando que ela se constitui pelas interações entre terras, águas, plantas, pessoas e outros *viventes*. A falta de chuvas, além de contribuir para o movimento de algumas plantas, também contribui para ampliação das terras mais *fracas*, uma vez que são as chuvas que melhoram a *qualidade* da terra. O efeito disso é a falta de terras para *pôr* roça e onde se possa plantar variedades que tenham maior *durabilidade* e que sirvam de *mantimento*.

Ainda sobre as noções de *fraco* e *forte*, é necessário dizer que esse par de oposição também aparece relacionado às fases da lua. Os ciclos lunares, nesse caso, não são mencionados pelos quilombolas por suas fases cheia, minguante, nova e crescente, mas de acordo com a condição *fraca* ou *forte* da lua. E essa condição também têm uma estreita relação com as atividades de cultivo, colheita, corte de madeira, abate e castração de animais, menstruação feminina, comportamento, *força* vital e saúde.

“A lua sempre em primeiro lugar”, dizem eles, pois ela resolve e regula muita coisa. Em suma, “a lua governa tudo”. Algo se-

melhante foi notado por Woortmann e Woortmann (1997) entre sítiantes sergipanos, que realizam o plantio “no governo da lua”, e também por Ribeiro (2006), entre sertanejos do Cerrado-Sertão Mineiro. Conforme Woortmann e Woortmann (1997), o respeito a esse governo, que vem “lá de cima” e está além do governo dos homens e de Deus, é a condição para que a lavoura seja bem-sucedida. Ribeiro (2006, p. 63) também explica que é através da “repetitiva passagem de uma fase a outra que ela, distante lá no céu, exerce sua força cá na terra, determinando, aos humanos e à natureza em geral, o tempo certo de cada coisa”. Por sua influência especificamente sobre a vida das plantas, de acordo com Woortmann (2009, p. 122), “plantas fortes devem ser plantadas na lua fraca, e plantas fracas, na lua forte”.

Entre os quilombolas ribeirinhos existe também uma oposição entre *claro* e *escuro*, relacionada à *qualidade* da lua em suas diferentes fases. O *claro* e o *escuro*, aqui, não têm relação com o dia e a noite, mas sim com a *força* do astro. O conhecimento das fases da lua e sua consequente classificação são feitos através do acompanhamento do calendário lunar e também por uma observação minuciosa do céu. Chamados de *folhinhas*, é comum encontrar calendários de papel pendurados nas paredes das casas dos moradores, cujos quais são adquiridos em estabelecimentos comerciais da cidade. Embora em muitas dessas *folhinhas* seja possível encontrar informações sobre as fases da lua durante os meses, ainda é preciso estar atento aos sinais do céu para identificar a *qualidade* da lua. Fora a observação da própria lua, a clareza e a escuridão das noites são alguns dos indicativos de sua *qualidade*.

Em uma conversa, um quilombola de Croatá me explicou que o “manejo da roça” se faz também considerando esse poderoso astro. Nas fases da lua nova, por exemplo, não é apropriado plantar; colher milho e outros grãos; pois, nessa época, também, em poucos dias no paiol, os grãos podem dar *caruncho*, nome atribuído a uma diversidade de insetos. Considerando que

os quilombolas mantêm esses grãos por muitos meses, até serem consumidos, é importante colhê-los na *lua boa* para garantir a preservação do *mantimento*. Nesse caso, quanto mais *escura* a lua, melhor. A colheita realizada dois dias antes ou dois dias depois da *lua boa* pode fazer toda a diferença.

Além do plantio e da colheita, outras atividades necessárias para a vida na roça também levam em consideração a *qualidade* da lua, como o corte de madeira e a castração dos animais. A madeira cortada durante o período da lua nova costuma apodrecer com maior rapidez. Porém, uma vez que se respeite o “governo da lua” e o corte seja realizado no *escuro*, a madeira será mais resistente. A razão, como nos esclarecem Woortmann e Woortmann (1997), é a relação entre a lua e o fluxo da seiva nos troncos das árvores. Isto é, durante o período escuro, as “veias” da árvore estarão fechadas, o que impede a infestação de cupins. Embora não seja discutida de maneira profunda pelos autores, a relação entre a lua e os fluidos merece uma atenção maior, pois, como afirmam os autores, esse astro não tem influência apenas sobre as marés, também sobre outros elementos e fenômenos que acontecem na terra. Ribeiro (2006) apontou ainda a necessidade de olharmos para essa relação entre o satélite e “os líquidos da Terra”. Os quilombolas, por sua vez, não falam da relação entre a lua e os líquidos ou fluidos, mas sim entre a lua e as *forças*. Isso faz pensar que o que podemos entender por fluxos de líquidos se trata, para meus interlocutores, de circulação de *forças*. As águas do rio, como já abordado neste texto, além de terem seus movimentos e agências, também têm *força* que, como espero mostrar, está presente em muitos outros aspectos da vida dos quilombolas ribeirinhos.

A lua, por exemplo, é levada em consideração também no planejamento da castração das *criações*. Como disse um vazanteiro: “quando a lua é nova, passa uns três dias, aí é hora de castrar”. Nesse caso, e considerando outras narrativas quilombolas sobre o astro, parece-me ser possível ponderar a conexão entre a

lua e os fluxos que circulam e fazem circular os fluidos da vida, presentes nos corpos das plantas, pessoas e animais. Pensar dessa forma, por exemplo, ajuda a descrever alguns aspectos menos tangíveis relacionados à lua e ao comportamento desses seres. Isto porque, o astro também põe em circulação outras *forças* nesse espaço entre o céu e a terra que, ainda que possa parecer vazio, é, na verdade, preenchido por agências e intenções que podem provocar, por exemplo, o *olho gordo* de uma pessoa para a outra. Assim sendo, daqui em diante, a ideia é “flutuar” por um conjunto de coisas “invisíveis” que circula entre o céu e a terra e que, no mais das vezes, pode ser considerado mau e perigoso.

## OUTROS FLUXOS, FLUIDOS E *FORÇAS*

Como examinou Woortmann (2009), além de seu forte governo sobre as plantas e animais, a lua diz muito sobre a forma como os próprios sitiantes veem a si mesmos. O mesmo par de oposição, *forte* e *fraca*, atribuído às fases da lua é também usado para distinguir coletivos humanos, uma vez que os sitiantes diferenciam aqueles que são considerados “fracos” e “fortes” ou “pequenos” e “grandes”. Pessoas de grande poder aquisitivo ou político com os quais os camponeses se relacionam são caracterizadas como “fortes” e “grandes”, em oposição a eles próprios, que se consideram “fracos” e “pequenos”. Longe de se limitar a essa diferenciação, o comportamento das pessoas, ou a *força* delas, recebe a influência da lua de diversas outras maneiras.

Sobre esses aspectos, em certa ocasião, um quilombola de Gameleira me contava sobre sua experiência com a picada, ou *ofensa* de cobra. Ele me explicou que, mesmo estando curado, ainda havia uma *reminha* do veneno no seu corpo. Por causa disso, nos períodos de lua nova, a dor no local da picada costumava atacar. Além do seu caso, ele também contou sobre os outros modos de influência da lua. Aqueles de lua nova, por exemplo, quando são “quietinhos”, são quietos mesmo. Já os que nascem

“meio pinga fogo”, na lua nova “acabam de *desgramar* mais ainda”.

A lua também pode influenciar os partos, pois é ela que indica a *força* ou a *fraqueza* dos bebês e suas mães. Na fase nova, por exemplo, os bebês costumam nascer com “pouca *força*”, porque nascem com maior facilidade, pois as mães não precisam colocar muita *força* para dar à luz. Na minguante, por outro lado, mães e bebês costumam estar mais *fracos*. Por essa razão, é uma lua que “traz mais sofrimento” para as gestantes, que precisam colocar mais *força* “para ter a criança”. Ao mesmo tempo, a criança tende a nascer “mirrada” e sem aguentar “muita jornada”. A lua cheia também gera sofrimento para a mãe, mas, dessa vez, porque os bebês nascem *graúdos* e *fortes*, exigindo mais trabalho da gestante durante o parto. A *lua boa*, portanto, é a crescente, quando mães e bebês têm *força* o suficiente.

Não se limitando a influenciar o comportamento dos seres humanos, o planeta também influencia os *bichos*, como as leitoas, que costumam entrar no cio na lua nova ou na lua cheia. Já os ataques de cachorros costumam acontecer na lua nova, pois é uma fase que tende a afetar o comportamento do *bicho*.

De outra vez, descobri que não apenas a lua, mas também outras *forças* do céu influenciam a capacidade de cada pessoa em plantar e colher bem de sua roça. Nesse sentido, um morador de Gameleira me contava sobre um conhecido seu que tem a “a cabeça boa para coisa de rama”. Impressionado, dizia que seu conhecido havia vendido muito caxixe para a região inteira. Ao contrário dele próprio, pois dizia que sua cabeça não era tão boa para “plantar e *dar* bastante”. A razão, explicava ele, é que tinha a cabeça muito dura, “sem muito movimento para plantio de coisa”. Para esse morador, quem tem a cabeça mais mole costuma ser “mais desenvolvido no plantio”. Por minha vez, interessada no rumo da conversa, perguntei como aquilo poderia ocorrer. “Não sei, sei não”, foi o que ele respondeu. Em seguida, completou dizendo que o que planta, principalmente “coisa de

rama” não costuma *dar* muito. Por outro lado, seu irmão, disse ele: “*menina*, colhe tanto que você precisa ver”. Comparando-se com o irmão, a única explicação que meu interlocutor podia encontrar era em razão do “*signo* da pessoa”. Na dúvida, perguntei: “pelo quê”? Sem demora, ele repetiu: “*Signo*, pode ser também pelo mês seu”. Na sequência, começamos uma demorada conversa sobre essas constelações. Outro morador, que estava por perto, disse que era de fevereiro. Eu emendei dizendo que era de outubro. Descobri, então, que os de fevereiro não eram ruins, mas que os melhores talvez fossem os do *signo* de sagitário e aquário. Outros, contudo, já não são tão bons. Esse, talvez, fosse o caso do *signo* de câncer. Sem saber ao certo qual seria o melhor *signo*, um deles explicou que costuma acompanhar a *sorte* pelo rádio, quando os locutores falam sobre os *signos*, se aquele dia vai ser bom para a pessoa, se vai ter encontro com namorado ou família, entre outros assuntos. Embora não tenha assunto de *roça*, eles me disseram que gostam de se orientar pela *sorte* narrada no rádio.

Outro elemento, menos relacionado diretamente à lua ou ao céu, mas que é importante na ativação das *forças* que existem entre o céu e a terra, é o sangue. Isso porque ele tem uma conexão direta com a maldade, algo que faz parte da vida na *beira do rio* e que se expressa, por exemplo, na predisposição de alguns a lançar *olho gordo* ou o *mau olhar* nas pessoas, suas *roças* e *canteiros*.

Estávamos sentados, eu e alguns quilombolas, no quintal de uma das casas em Croatá, conversando paralelamente sobre assuntos diversos. Em determinado momento, ouvi uma das moradoras reclamar com outro em razão de ele estar posicionado muito longe do grupo. Ela, em seguida, pediu para que ele se aproximasse. Abaixando a cabeça, ele respondeu a ela, dizendo que estava confortável onde se encontrava e que, além disso, era muito feio para estar próximo demais dos outros. Outro morador logo perguntou se feiura matava, afirmando que, se feiura matasse, não haveria ninguém vivo. Além do mais, argumentou que os feios ajudam os bonitos a se sentirem melhores. E conti-

nuou sua reflexão afirmando que o que torna alguém bonito ou feio é o sangue da pessoa. Em suas palavras, algumas pessoas, embora sejam feias, podem ter “o sangue bom para os outros”; outras, contudo, apesar de bonitas, podem ter “o sangue miserável de ruim”.

Por mais prosaica que a conversa aparentasse ser, a observação do morador de Croatá me mostrou que é preciso uma *convivência* muito mais profunda com as pessoas para saber sobre seu sangue e, conseqüentemente, a maldade ou bondade que elas carregam. A mesma relação entre sangue e maldade surgiu em outra situação em campo quando, em visita ao terreno de um morador de Croatá, conversávamos enquanto ele me mostrava seus *pés* de pimenta. Lamentando-se e olhando para as pimenteiras, meu interlocutor dizia que, se a visita tivesse acontecido em um momento anterior, eu teria encontrado muito mais *pés* de pimenta, além de pimenteiras muito mais viçosas. A razão da perda dos *pés* e do secamento das pimentas era que, poucos dias antes, havia recebido a visita de algum conhecido. Logo após essa visita, observou suas pimenteiras secarem. Cogitando imediatamente a relação entre a inveja, ou *olho gordo*, e seus efeitos nas plantas, comentei que aquilo poderia ser algo corriqueiro de acontecer. Ele, no entanto, discordou da minha opinião, dizendo que somente um *sangue ruim* poderia provocar aquele efeito nos *pés* de pimenta.

Outras autoras já vêm se atentando para a importância do sangue em contextos rurais de Minas Gerais e do Nordeste brasileiro (GODOI, 2009; CARNEIRO, 2010; MARQUES, 2014; entre outras), destacando, principalmente, sua importância para a compreensão dos sistemas de parentesco e das formas de socialidade locais. Dentre essas pesquisas, Vieira (2015) destaca o quanto os quilombolas de Malhada (BA) apontam para a importância do sangue nas relações que estabelecem entre si. Para eles, o sangue combina ou não combina. Desta forma, a autora estabelece um diálogo com Spinoza e Deleuze a partir das noções de afeto e



afecção para compreender a importância atribuída ao sangue pelos quilombolas da Malhada. Como explica Vieira (2015, p. 61), “o conceito de afecção define o efeito ou a maneira como um corpo é afetado por outro exterior” e “nesse esquema filosófico, um corpo é conhecido pelo conjunto de afecções de que é capaz, ou seja, pela sua capacidade de ser afetado”. Assim como a noção de afeto foi providencial para a autora, parece-me interessante considerá-la aqui para compreender a relação entre os corpos e a inveja, as *forças* e o sangue, isto é, os males e os perigos que são apenas conhecidos pelos quilombolas ribeirinhos “por seus efeitos sobre as pessoas e coisas” (VIEIRA, 2015, p. 61).

Além do *olho gordo*, existem outras agências e intenções perigosas no mundo da *beira do rio*. É preciso estar sempre atento a elas e aos sinais que elas emitem. Para os quilombolas, não se “pode duvidar de nada nesse mundo”. Os efeitos do *olho gordo* e do *mau olhado* podem ser sentidos pelas pessoas, principalmente pelas crianças, que sofrem frequentemente com o *quebrante*. Acompanhei uma conversa entre dois moradores *do alto*, sobre esse assunto, quando discutiam o que pensavam a respeito dessas agências e intenções visíveis ou invisíveis. Comentando sobre as práticas de proteção, as simpatias e os benzimentos, um deles disse que “hoje não tem isso mais não”, pois o “negócio é orar”. Enquanto um enfatizava o poder das *simpatias*, o outro, que é *crente*, questionou-o, dizendo que elas não são de Deus. Na breve discussão que se seguiu, eles acabaram concordando que as simpatias têm o poder de resolver o *mau olhado* e o *quebrante*, que “atacam as tripas da criança e ela morre”.

A discussão dos dois quilombolas sobre a eficácia das simpatias e benzimentos para a cura do *quebrante* me fez recordar da experiência apresentada por Oliveira (2012), quando, em meio ao curso de formação dos agentes de saúde Wajãpi, comentou sobre os conceitos de substância e elemento químico. Uma vez que, como explica a autora, algumas dessas substâncias e elementos químicos não podem ser vistos no microscópio, os alu-

nos logo a questionaram sobre a real existência deles. A estratégia encontrada por Oliveira (2012, p. 52) foi recorrer “a um ‘não visto’ do mundo wajãpi”, que no caso eram os “opiwarã”, que são “as substâncias do pajé, que possuem várias manifestações como armas e espíritos auxiliares” (OLIVEIRA, 2012, p. 52). A inicial satisfação dos alunos com a resposta deu lugar à outra questão, a de que, embora não vissem os “opiwarã”, eles dão sinais de sua existência. O ataque de uma onça em uma aldeia é uma desses sinais. Parece-me que, assim como os Wajãpi, os quilombolas ribeirinhos percebem, pelo secamento das pimenteiras e do *quebrante* nas crianças, a existência do *olho gordo* e do *mau olhado*, comprovando a capacidade daqueles de *sangue ruim* de espalhar a maldade pelas roças, pelos canteiros e pelos corpos das pessoas.<sup>7</sup>

Além dos benzimentos e *simpatias*, certos alimentos, chás e *remédios* preparados com os vegetais da *beira do rio* são meios conhecidos de garantir a proteção daqueles mazelados. Apesar de não ter a oportunidade de encontrá-los ainda vivos, ouvi histórias de curandeiros e raizeiros que viveram na *beira do rio* ou nas suas proximidades. Alguns desses curandeiros eram conhecidos por suas “orações *brabas*”, *fortes* o suficiente para terem eficácia nos corpos dos doentes. Este é o caso de um curador que veio de Parateca (BA) para viver na *beira do rio*. Fazendo “*remédio* de raiz de *pau*” e benzendo o *povo*, tinha sua casa sempre cheia. Outro curador e ancestral de uma das famílias da *beira do rio* também era conhecido pelas *rezas brabas*.

Foi este último, tio de uma das moradoras atuais, que a iniciou nas rezas. Por volta dos seus quatorze anos, além de se sentir diferente, ela passou a sentir também uma *força* muito grande dentro de si. Possuindo tamanha *força*, passou a frequentar, com a companhia de uma tia, o *centro* em São Paulo, onde morava na época. Lá, começou seus *trabalhos* de cura junto aos seus *guias*, o que durou muitos anos, até que as acusações da família sobre *macumba* a fizeram abandonar seus *trabalhos* e se tornar *crente*. Contudo, a despeito das acusações da própria família, em uma

7 Sobre essas *forças*, Velho (1995, p. 23) observou uma distinção entre *mau olhado* e *olho mau* ou *olho ruim*. Segundo o autor, os efeitos do *mau olhado* “dependem de um desejo e/ou emoção (admiração extremada, inveja)”. Já o *olho ruim*, ou *olho gordo*, embora possa ter efeitos similares, “são função de atributos de que certas pessoas são dotadas independentemente de sua própria vontade”. Ainda nas palavras Velho (1995, p. 23, grifos do autor), “reconhece-se, portanto, a diferença entre o *olho* (ontológico, por assim dizer; externo) e o *olhar* (existencial, interno). E aqui, muito claramente, ambos se referindo ao *mal*, e como que apontando para o seu caráter complexo”. Reside aí, certamente, a explicação do meu interlocutor sobre o secamento de suas pimenteiras e sobre o *sangue ruim* daquele que o causou, afinal, não se pode escolher o próprio *sangue*.

das nossas conversas, ela me afirmou que mesmo sendo *crente* hoje, acredita que existem os “dois lados da moeda”, pois “como uma pessoa pega uma criancinha prestes a morrer, benze, aquela criancinha sara e até hoje está aí sadia?” “Pode ser o inimigo que faz isso?”, questionou ela, respondendo logo em seguida que não poderia ser. Para ela, “entre os céus e a terra tem muitos mistérios”. Longe de perdê-los ao “entrar para a igreja de *crente*”, minha interlocutora mantém seus *dons*.

Possuir o *dom* de enxergar além, ressaltou ela, pode causar medo, pois faz aquele que o carrega ver os mistérios entre o céu e a terra que a maioria das pessoas não consegue ver. Para carregar o *dom*, também é preciso ter coragem para domar a *força* que vem de dentro da pessoa, algo que ela disse ter começado a aprender desde os quatorze anos. O domínio de suas *forças* é, conforme me disse, o que fez surgir sua habilidade de lidar com as pessoas. Habilidades que ela usou bastante em seu trabalho de liderança e nos quase dez anos na presidência da associação da comunidade onde vive. Minha interlocutora atribui a razão de sua *força* aos seus ancestrais, que eram, segundo ela, muito *fortes* também. Ao falar de sua vó, ressaltou a capacidade de liderança *forte* que ela tinha. Com bastante animação, sua avó conseguia envolver todos na realização das *festas*, que acontecia com muita *prosa*, cantos e danças. Suas filhas, as tias da minha interlocutora, “ficaram assim também, como pessoas *fortes*, mulheres *fortes*, mulheres guerreiras”. Entre elas, uma era parteira e a outra, benzedeira.

Apesar da *força* de alguns, há também o caso daqueles que não conseguem controlá-la, gerando, com isso, muito sofrimento para o corpo daquele que a carrega. Um caso como esse, contado pela quilombola, é o de sua prima, já falecida, que possuía o *dom*, mas não tinha o controle sobre ele. Sem esse controle, fundamental para manter o corpo saudável e seguro, os *guias* bons não vêm, mas os ruins, sim. Sua prima tinha um *santo de cabeça* muito *forte*, a *Cabocla Jurema*, que é “um orixá muito *forte* e correto”. Porém, como ela gostava muito de beber, os *guias* ruins vinham

para “judiar” dela e “jogavam ela no chão”. Minha interlocutora explicou que sua prima nunca conseguiu controlar sua *força* “porque ela bebia primeiro para poder mexer com os orixás e aí, os orixás, ao invés de vir os bons, vinha os *Exús* e bagunçavam a vida dela”.

Além do domínio da *força*, existem outros *modos* de controle e de evitar que os males que existem entre o céu e a terra afetem os corpos das pessoas. Destaco aqui a relação com o mundo vegetal, seja por meio dos trabalhos realizados pelos benzedores, raizeiros, ou da utilização, por qualquer um dos moradores, dos chás e *remédios do mato*. Os raizeiros, também conhecidos como *curandeiros*, eram aqueles que tinham conhecimentos profundos dos *remédios do mato*. Um deles foi o tio de um dos moradores de Croatá. Tinha a casa cheia de gente, e se alguém chegasse precisando, “ele pegava e falava: me dá caneta aí, me dá um pedacinho de papel” para “marcar a receita e a pessoa levar o *remédio*”. O raizeiro ditava, e a pessoa anotava o *modo* de usar a raiz. Por acompanhar o trabalho de seu tio, o morador disse ter aprendido um pouco, mas não muito porque, como ele enfatizou, o curandeiro precisa ser apenas curandeiro, precisa se dedicar integralmente ao seu *trabalho*, à sua *missão*.

Se, em um dos casos, a ingestão da bebida alcoólica permite que *guias* ruins bagunchem a vida de uma pessoa, a ingestão de determinados vegetais, como alimentos ou *remédios*, pode ajudar na garantia de uma vida saudável e segura para as pessoas. Para retomar a categoria de *força*, presente tanto na identificação das fases da lua, da *qualidade* da terra e presente no corpo de algumas pessoas, Woortmann e Woortmann (1997) mostraram que os alimentos também são caracterizados enquanto fracos e fortes. Segundo os autores, a “força dos alimentos depende não apenas de suas qualidades intrínsecas, mas também dos temperos adicionados” (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997, p. 53). Dentre os exemplos apresentados pelos autores, o feijão é um dos alimentos considerados como *forte*, podendo ficar mais *forte* se temperado com alho, pimenta e coentro. Nesse caso, é a

*força* presente nos alimentos que garante a *força* das pessoas para o trabalho na *roça*.

Assim, além dos benzimentos e *simpatias*, a *força* dos alimentos é uma aliada poderosa na proteção e na manutenção da *força* do corpo. Na mesma visita que fiz ao morador de Croatá, quando pude ver a situação de suas pimenteiras, ganhei do dono da *roça* algumas mandiocas. Enquanto o ajudava a arrancar as raízes do chão, ele me contou que não costuma comer mandioca, pois ela é um dos alimentos que tem a capacidade de *abrir o corpo*. Ao contrário disso, costuma comer muito quiabo, que é bom para *fechar o corpo*. No mesmo dia, conversando com outra moradora, questionei-a sobre a relação entre os alimentos e a capacidade de cada um deles de *fechar* ou *abrir* os corpos das pessoas. Segundo ela, além do quiabo, a abóbora, o tipí e a arruda também são bons para *fechar o corpo*. Como ela me dizia, “tem muita gente que acredita no tipí, diz que é *forte*”. Já a arruda, “tem muita gente que gosta de plantar, que diz que é bom por causa do *óio ruim* de quem deseja o mal”. *Fechar o corpo*, desse modo, tem relação com manter o corpo *forte* e protegido dos males invisíveis e perigosos.

Se por um lado, a agência das águas e da lua garante, respectivamente, *terras boas* e *força* para as plantas crescerem, são também as plantas que ajudam os quilombolas ribeirinhos a se protegerem do mal “invisível”. Na *beira do rio*, as plantas nutrem corpos para torná-los *fortes* e *fechados*, isto é, física e espiritualmente saudáveis e seguros. Além disso, não apenas as pessoas estão suscetíveis a terem seus corpos afetados pelo *olho gordo* e pelo *mau olhar*, mas também as plantas, que podem secar ou morrer sob efeito deles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito ainda poderia ser explorado a respeito das *forças* que circulam nas paisagens entre o céu e a terra e afetam, positiva ou negativamente, a vida dos *viventes* da *beira do rio*. No entanto,

neste artigo, procurei apenas apresentar alguns relatos – ainda que sem explorá-los com a profundidade merecida –, nos quais a noção de *força* é acionada por meus interlocutores. Por meio dessa noção, espero ter conseguido mostrar as formas com que as terras, a lua e os corpos dos *viventes* se conectam a partir da circulação de um conjunto de fluidos e agências, como a das águas, do sangue, da seiva das árvores, do olho e do olhar.

Como vimos, o movimento do rio, por meio de sua *força*, põe em movimento terras, pessoas, plantas e animais, e, assim, produz também *animação* na medida em que coloca em interação esses diferentes coletivos de pessoas e *viventes*. Por outro lado, de maneira não tão facilmente visível, um conjunto de outras *forças* e intenções também produz efeitos nos distintos corpos, humanos e **não** humanos, provocando ou permitindo aos quilombolas ribeirinhos a elaboração de saberes e formas de **governo mútuo da vida**.

Ao tomar como referência a noção Ingoldiana de paisagem, mas, sem me limitar ao seu aspecto terreno, incorporando também sua constituição “cósmica” (COCCIA, 2018), a proposta, neste artigo, mais do que afirmar o que meus interlocutores identificam como vivo ou não, foi evidenciar que é a interação entre essas diferentes categorias de elementos (*forças*, águas, terras, astros, plantas, sangue, olho, olhar) que produz a vivacidade da *beira do rio*, ou, no limite, a concepção quilombola sobre o que é vida.

## REFERÊNCIAS

- ACYPRESTE, Izadora. *Os pés da memória: uma etnografia sobre as plantas, o gado e o tempo na beira do rio São Francisco*. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- CARNEIRO, Ana. *O “Povo” Parente dos Buracos: mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro*. 2010. Tese (Doutorado) – Programa

de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

COCCIA, Emanuele. *A vida das Plantas: uma metafísica da mistura*. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie, 2018.

GODOI, Emilia. Reciprocidade e circulação de crianças entre camponeses do sertão. In: GODOI, Emilia; MENEZES, Marilda; MARIN, Rosa (Orgs.). *Diversidade do Campesinato: expressões e categorias*. Estratégias de reprodução social. Vol. 2. São Paulo/Brasília: UNESP/NEAD, 2009, p. 289-302.

INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. In: *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2000, p. 189-208.

LUZ DE OLIVEIRA, Claudia. *Vazanteiros do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LUZ DE OLIVEIRA, Claudia. Fluidiez, nomadismo e impermanências: reflexões sobre território e territorialidade entre os vazanteiros do médio São Francisco. In: BRANDÃO, C.; SOUZA, A. (Org.). *O Viver em Ilhas*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2013, pp. 85-100.

MARQUES, Ana Claudia. Considerações familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga. *R@U*, 6 (2), p. 119-129, jul./dez. 2014.

NÓBREGA, Márcia. Entre “almas” e “caboclos”, um “povo só”: diferença e unidade numa ilha no Rio São Francisco. *R@U*, 9 (2), p. 109-122, jul./dez. 2017.

OLIVEIRA, Joana. “Vocês sabem porque vocês viram!?”: reflexões sobre modos de autoridade do conhecimento. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 55, n. 1, p. 51-74, 2012.

PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco*. Ministério do Interior/Superintendência do Vale do São Francisco. Tomo I, 1972a.

PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco*. Ministério do Interior/Superintendência do Vale do São Francisco. Tomo II, 1972b.

RIBEIRO, Ricardo. *Florestas anãs do Sertão – o Cerrado na História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Ricardo. *Sertão, lugar desertado: o cerrado na cultura de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespecíficas no antropoceno*. Brasília: IEB Mil folhas, 2019.

VELHO, Octavio. *Besta-Fera: Recriação do Mundo. Ensaios de Crítica Antropológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

VIEIRA, Suzane. *Resistência e pirraça na Malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité, Bahia. 2015*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro.

WOORTMANN, Ellen. O Saber Camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovação. In: GODOI, Emilia; MENEZES, Marilda; MARIN, Rosa (org.). *Diversidade do Campesinato: expressões e categorias. Estratégias de reprodução social*. Vol 2. São Paulo: Editora Unesp; Brasília – DF: NEAD, 2009, p. 119-129.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. *O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília-DF: EDUnB, 1997.

---

IZADORA ACYPRESTE – Doutora em Antropologia Social e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Etnologias Transespecíficas (LETS/UFSCAR). E-mail: iza\_acypreste@hotmail.com.